

Poesias Manuscritas

Cláudio Manuel da Costa (pseudônimo Glauceste Satúrnio)

Poesias Manuscritas de CLAUDIO MANUEL DA COSTA oferecidas ao Clube Literário, do mesmo nome, de Mariana, pelo Dr. Joaquim Vieira de Andrade. Contém cinquenta e uma folhas e vai marcado com o carimbo do clube.

Índice:

Canto Heróico

Tradução de Uma Ode de Voltaire ao Rei da Prússia

Écloga

Ode

Assunto Lírico

Canto Épico

Cantata Epitalâmica

Coro dos Amores

Ode

Ode

Ode

Fala

A Grandeza de Maria

O Mesmo

Sonetos

CANTO HERÓICO

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha, na ocasião em que os movimentos da Guerra do Sul o obrigaram a marchar para o Rio de Janeiro com as tropas de Minas Gerais.

Jam nunc minaci murmure cornuum

Perstringis aures, jam litui strepunt

*Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos, equitumque vultus.*
HORÁCIO. lib. 2, od. 1a.

Marte feroz, que com semblante irado
Influís nos mortais a dura guerra,
Sofre que a teus ouvidos chegue o brado
Da minha aflita, e magoada Terra:
A paz tranqüila e o sereno estado
Do nosso bem por ti já se desterra;
Por ti eu vejo que a discórdia crua
Sacode as serpes da madeixa sua.

2

Busca a ardente fornalha o ferro que antes
De útil arado ao lavrador servia;
Punhais agudos, lanças penetrantes
Levam na mão, que os rege a morte fria:
Ouvem-se as vozes dos clarins vagantes,
Soa da caixa a fúnebre harmonia,
Guerra, guerra, publica o eco horrendo,
Que os montes fere, os vales vai rompendo.

3

Deixa da amada esposa o casto leito
O saudoso pai, que o filho adora,
E do amor e da honra ao vário efeito,
Desperta a um tempo, e ao mesmo tempo chora;
Fugi, mortais, que o palpitante peito
Treme e se gela; a Fama vencedora
De longe vos acena, e vos convida;
Mas de sangue e de pó será tingida.

4

Céus, e como inda anima a idéia infame
Um concelho tão vil? Que influxo impuro
Me arrebatá, e me obriga a que vos chame
Ao letargo infeliz de um veio escuro?
A glória ilustre, a glória vos inflame
De sustentar de vossa Pátria o muro,
De ver a vossos pés o orgulho fero,
Com que vos ameaça o ferro ibero.

5

Noronha é que vos guia. Ele na frente
Dos Reais Esquadrões empunha a espada,
Aquela espada que inda fuma quente
Do sangue hispano, em que já foi banhada;
Dos preclaros Avós, quando pendente,
Se viu da Fama na imortal morada;
Ela inspira neste Herói o exemplo,
Que bem desempenhado hoje contemplo.

6

Se buscais da Vitória um fausto agoiro,
Eu vo-lo posso dar: entrai comigo
A registrar o Templo; vede o Loiro
De tanto egrégio resplendor antigo;
Aquele respeitável busto de oiro
Guarda o Primeiro Pedro, o Rei amigo;
O Quinto Afonso os seus serviços mede
No Condado feliz de Cantanhede.

7

Derivando-se a rama esclarecida
Dos ilustres, esplêndidos Menezes,

Por um Jorge, um João, e outros que a vida
Perderam entre os bélicos arneses,
Vede no grande Antônio enriquecida
De mil troféus a glória; este que as vezes
Sustenta do Primeiro, em prêmio prova,
Por mão do Rei Felipe, a mercê nova.

8

Passa o título a Antônio, e já respira
Neste Conde imortal a glória rara
Do excelso Marquesado; o Rei admira
Crescer a estirpe majestosa e clara:
De ramo em ramo se dilata e gira
O régio adorno, que a Fortuna ampara;
Grandes são todos, e a maior grandeza
É das virtudes a feliz nobreza.

9

Menezes e Noronhas vêm ligados
Em laço ilustre, e de mil Reis a glória
Se vê reproduzir nestes traslados,
Que os fastos enchem já da Lusa História:
Nas bélicas empresas aprovados,
Oh! e quanto distintos na memória
Eu os encontro, eu os adoro, e vejo,
Se busco o Ganges, se demando o Tejo!

10

África o diga em dessolados rumes?
De frios ossos alvejando as praias;
Digam-no de Ásia aos cortadores gumes,
Rasas no campo, as Legiões cambaias.
Semideuses da terra e dignos Numes
Os viu o Tejo nas frondosas raias;
Em Montes Claros e Elvas inda soa

O clarim, que as vitórias apregoa.

11

Que parte o mundo em seus limites conta,
Que de tantos Heróis não honre, e guarde
As preclaras ações? Febo as apontar
Onde nasce, onde morre, e onde mais arde.
Se a um e a outro hemisfério se remonta
A glória sua, a nós se não retarde
A ventura de vermos neste Estado
Por um Noronha o nosso bem firmado.

12

Antônio, o grande Antônio é quem segura
Das Pátrias Minas o feliz distrito,
Por ele a mão da próspera Ventura
Tem o nosso prazer em bronze escrito:
Dos férteis campos, que talar procura
O soberbo espanhol, eu já medito
Que livres do temor, do pranto enxutos,
Nós passaremos a colher os frutos.

13

Então de palmas a coberta estrada
Aos seus triunfos abrirá caminho,
Mil vivas entoando a Esquadra armada,
Desde o Rio da Prata a Doiro e Minho.
Pender veremos da luzenta espada
Ricos despojos, que o curvado Pinho
Farão gemer; veremos como torna
Cheio de loiros, de que a testa adorna.

14

Parte, valente Herói, parte, e a teu mando

Ajunta um corpo de rendidos peitos,
Que então são dignos de seguir-te, quando
Amam da glória os imortais respeitos;
Teu nome, o vôo sobre a Fama dando,
Passe do mundo os âmbitos estreitos;
E além da meta que o Tebano assina
Firma o brasão da Lusitana Quina.

15

Cândida nuvem desde os Céus desata
A abundância, o prazer, e a alegria;
Serenos o aspecto da Fortuna ingrata,
Longe de nós Remnúsia se desvia.
Não é engano, que a ilusão dilata
Na fecunda, ociosa fantasia;
Eu o vejo, eu o sinto, e já se apressa
A feliz hora, e a estação começa.

16

Correi de leite, e mel, ó pátrios rios,
E abri dos seios o metal guardado;
Os borbotões de prata, e de oiro os fios
Saíam do Luso a enriquecer o estado;
Intratáveis penedos, montes frios,
Deixai ver as entranhas, onde o Fado
Reserva pela mão do Herói mais nobre
Dar ao mundo os tesoiros que inda encobre.

17

Verdes, negros Tritões tecendo a amarra
Prendam no Tejo as carregadas Frotas
Que vêm buscando a Lusitana Terra,
Lá desde o seio das regiões remotas;
O Hispano Leão curvando a garra

Trema de espanto, e nas entranhas rotas
Sinta o furor da macilenta inveja,
Que o róí, e morde, e em devorar forceja.

18

Mas eu, que me dilato ou me detenho
Nas imagens de auspício tão ditoso,
Se a profética luz em desempenho
Transpira já no quadro luminoso?
Já desde o Porto o desatado Lenho?
Ao triunfante Herói recebe ansioso,
Já pouco a pouco o vento, abrindo as velas,
Foge do Pátrio Rio às praias belas.

19

Parte, valente Herói, mas deixa entanto
Que te chore o País deserto e triste!
Quanto é pesada a tua ausência, e quanto
Ela debalde a tanta dor resiste!
Permite ao menos que o saudoso pranto
Te acompanhe e te siga, e se já viste
De ãa muda eloqüência o ardente efeito,
Rende à ternura o resoluto peito.

28

Mas desde o Hebro desatar o Pinho,
Qual fero Jarba a disputar Cartago;
Do parente, do amigo e do vizinho
Tentar o golpe e fulminar o estrago;
Fazer do Elísio ao imortal caminho
Tantas almas de Heróis cruzar o lago
Do frio Lete... ah! que o teu nome eu vejo
Andar aos netos com vergonha, e pejo!

29

Se a impulsos de um furor corre inimigo
Teu braço a provocar-nos, eu te juro
Que vejas renascer o esforço antigo
Que tantas vezes te atacou seguro:
Traze em memória o mísero castigo
Daquele pacto que te achou perjuro,
Vê se os trezentos Fábios inda alenta
A série augusta dos Varões quarenta.

30

Lembre-te que de todo enfraquecido
O Reino estava, e qual Anteu gigante
Com mais forças pulou do chão erguido
A restaurar o cetro vacilante:
Lembre-te que entre os poucos do partido
Nenhum tão digno de que a Fama o cante
Como um Pedro Menezes. Tens presente
No grande Antônio o sucessor valente.

TRADUÇÃO DE UMA ODE DE VOLTAIRE AO REI DA PRÚSSIA

A mãe da morte, a trêmula Velhice,
Com a sua mão de ferro tem quebrado
As forças de meu corpo, e fez que eu visse
Dos males seus meu ânimo atacado.
Eu te desprezo, idade fatigada:
Eu vivo junto a um sábio, eu te não temo;
Ele, no último extremo,
A vida me fará menos pesada.

2

Correi meus dias últimos sem medo,
Correi junto a um Herói, que altivo e forte
Vos faz gozar da vida o sonho ledó,
Sem susto algum ao triste horror da morte.
Ele me instrui e intrépido me torna;
Firmes meus passos são, pois que ele os guia.
Um mortal, de quem fia
Palas o escudo, de valor se adorna.

3

Filósofo dos Reis, com que alegria
Aos Elísios irei, pisando flores;
Do maior dos seus grandes sucessores,
A Marco Aurélio, falarei um dia,
A Salústio lerei a vossa história,
Vossas leis a Licurgo, e vossos versos
A Virgílio. Que glória,
Que talentos tão raros, tão diversos.

4

Mas logo que eu descer ao Reino escuro,
Não vades vós, Senhor, a visitá-los,
Regei o vosso Povo em paz seguro,
E bem tarde ao depois ide a buscá-los.
Eu estarei tecendo junto ao Lete
Novos loiros, se a margem sua cria;
Agradecida e pia,
Minha mão este obséquio vos promete.

ÉCLOGA

À Ilma. e Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa, no dia dos seus felicíssimos anos

TÍTIRO E MELIBEU

MEL. Títiro, como aqui tão descansado
À sombra desta faia, não te assusta
Ver o rebanho teu todo espalhado?

TÍT. Ah! Melibeu, que pode a sorte injusta
Trazer-me já de mal, se em meu amparo
Eu tenho a proteção mais santa e justa?
Tu não vês este Céu sereno e claro?
Este campo não vês todo florido?

MEL. Eu vejo tudo, sim, tudo reparo.

TÍT. Pois crês tu que se ocupe o meu sentido
Já em temer mais dano, ou desventura,
Se o meu País é outro do que há sido?
Aqui é que se prova essa doçura,
Que o desvelo dos homens tanto cansa;
Ela na paz se logra, e na brandura.
Quando jamais se viu esta bonança,
Em que dorme o Pastor co'a porta aberta
E até o próprio cão dorme e descansa?

MEL. Mas quem dá esta dita? Um tempo alerta
Te via sempre estar temendo as iras
Do lobo roubador, que o cão desperta!

TÍT. Tu, que de mim tão longe te retiras,
E estás vivendo lá noutra montanha,
Razão tens de ignorar, se aqui não giras.
Vem discorrendo o monte, ouve essa estranha

Maravilha, que vai por toda a parte,
Ou segue os passos meus, e me acompanha.
Que te soa aos ouvidos?

MEL. Com tal arte
Um canto escuto aqui entre os Pastores,
Que apenas o prazer posso explicar-te.

TÍT E quê? Cantam acaso os seus amores?
Queixam-se do rigor das Ninfas belas?
Andam correndo após dos seus favores?

MEL. Não: o assunto do canto não são elas,
Antes as mesmas Ninfas vêm tecendo
Para ãa Maioral novas capelas.
Juntas com seus amados concorrendo,
Em danças por mil modos inventadas,
Ao redor dela as vejo estar dizendo:
Recebe estas ofertas consagradas
Por mão do nosso amor, Filha de Albano,
Que as dádivas de amor são mais prezadas.

TÍT. Ah! se ouviste esse nome soberano,
Não te demores mais, corre comigo,
Vem ver aquele rosto mais que humano.

MEL. Quem é essa Pastora, dize, Amigo,
Que eu não sei por que força a estou amando,
E de vontade a vou buscar contigo?

TÍT. Quando chegues a ela, a mão beijando,
Sabe que vendo estás essa mais digna
Maioral, que hoje o Tejo nos vem dando,
Aquela que de nós toda a maligna
Influência dos Astros já desterra,
E os nossos campos vem guardar benigna;
Aquela, que deixou a Pátria Terra,

Que o Minho, e o claro Lima inunda e lava,
Para habitar conosco nesta serra.
O mal, que aos nossos gados agoirava,
De sorte fugiu já, que não tememos
O contágio da peste e a fera brava.
Com ela os nossos dias passaremos
Tão cheios de prazer e de alegria,
Que da doirada idade nos lembremos,
Idade em que o Pastor se divertia
Ao som do seu rabil e doce avena,
E da inveja os venenos não temia.

MEL. Títiro, se este bem o Céu te ordena,
Eu parte quero ter na tua glória,
Que perder um tal bem me é grande pena.
Eu dessa Maioral tinha memória,
Desde o meu velho Pai, que me contava
Da honrada gente sua a antiga história.
Sempre em Ferreiras d'Essas me falava,
Grandes no Minho, que respeita o Tejo,
De régio, e ilustre sangue ele os gabava.
Mudar-me para aqui também desejo,
Deixar quero o meu campo e os meus montados,
Que esta dita, Pastor, eu muito invejo.

TÍT. Podes vir; e entre os meus, entre os teus gados
Não farei diferença, dormiremos
Debaixo desta sombra reclinados,
E o seu louvor somente entoaremos.

ODE

Aos anos da Ilma. e Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon

Inexperto menino, os moles anos
Ícaro a contar chegava,
Quando o pai se esforçava,
Artífice infeliz de mortais danos,
A tecer-lhe na cera a débil pena,
Dando-lhe as asas de que usar lhe ordena.

2

Pelos espaços da região vazia
Dirige o tenro moço o vôo incerto,
E já das chamas perto
Se derrete a matéria, que pendia
As delicadas penas de uma em uma,
Cai, e se afoga na encrespada espuma.

3

Imortal, o padrão do atrevimento
Aos vindouros ficou; sim, este há sido
Do orgulho concebido
A memória, que resta ao pensamento.
Mas a triste história à idéia trago,
Como o exemplo desprezo e busco o estrago.

4

Destro Mentor, meus passos encaminha
Ao Pólo excelso da atenção mais alta,
A experiência falta,
Se não falta o conselho à Musa minha.
Ah! como eu devo rezear que tome
A Pátria Terra do meu caso o nome.

5

Mas se a empresa é tão digna, que de glória
Pode servir-me o mesmo precipício,
Eu farei sacrifício
Da Tragédia, e igualmente da vitória:
Quero cantar de ua Heroína os anos,
Cantar quero seus dotes soberanos.

6

Direi que da Memória as castas filhas,
Êmulas deste dia no cortejo,
Desde a margem do Tejo,
Vêm tributar-lhe as raras maravilhas
De seus férteis cristais, de seu tesouro,
Risonhas sacudindo as tranças de oiro.

7

Que as Dríadas formosas e as Napéias,
Dando-se as mãos em lisonjeiro agrado,
Vão pelo verde prado
Divididas do gosto em mil idéias,
Colhendo os goivos, os jasmíns e as rosas,
De que grinaldas lhe trarão mimosas.

8

Direi que na feliz, doce lembrança
De tão alegre, e suspirada aurora
Pude ver algũa hora
Respirar toda a paz, toda a esperança
Do Reino Luso, enchendo os seus projetos
Na série augusta dos vindoiros Netos.

9

Sim, Noronhas invictos, sim, Menezes,
Este dia nos trouxe o fausto auspício:
O horóscopo propício
Nos fez ver os escudos e os arneses,
Que das vossas virtudes dando abono
Nos seguravam sobre o Tejo o trono.

10

Com providência o Céu criado havia
De troncos tais um ramo florescente:
Eu o tenho presente
Ao lado da suavíssima Maria.
Oh! que bem neste laço eu imagino
Que mais do que a eleição pode o Destino.

11

Se Maria do Sol não visse a face,
Quem de Rodrigo o coração prendera?
E quem o merecera?
Sim, Rodrigo no mundo também nasce:
Preveniu, eu o vejo, cuidadoso,
A tal Esposa o Céu tão grande Esposo.

12

Amor, mísero Amor, eu sei que um dia
Colhendo flores pelo prado andavas;
Uma rosa tocavas,
Quando ãa abelha o dedo te mordia;
Choraste então, e te queixaste aflito,
Ouviu-te a mãe, e consolou teu grito.

13

Ah! não sabias tu que aquela fera

De ordem de Vênus vigiava as rosas;
Estas flores mimosas
Não as dá para ti a Primavera.
Sente e lamenta, Amor, chora os teus danos,
Devem-se as rosas de Maria aos anos.

14

Contenta-te dos Loiros, que roubaste,
Já que a formosa Mãe na selva idéia
De vencer se glorieia:
Este triunfo às tuas glórias baste.
Quanto infeliz tu foras se Maria
Concorresse das Deusas na porfia!

15

Contenta-te de que inda gema o Xanto
Da roubada beleza o triste caso,
E que o Pérgamo raso
Devesse às frígias Mães tão terno pranto.
Contenta-te de ver ao carro preso
Heitor, dos Gregos infeliz desprezo.

16

Contenta-te... mas onde me arrebató?
Da grande empresa o meu valor desista;
Esmorece-se a vista,
Treme, e vacila o pé, destino ingrato!
Inutilmente de calcar presume
A débil planta do Parnaso o cume.

17

Se em moles palhas a bater começa
Curtas asas o leve passarinho,

Não se aparte do ninho
Te que a pena se encrespe e se endureça.
Tempo virá, se ele a voar se ensaia,
Que suba aos cedros e à copada faia.

ASSUNTO LÍRICO

ODE

O fresco vate de purpúreas rosas,
Bela Deusa de Pafos, e Amatunta,
As brancas aves ao teu carro ajunta,
Desce do Tejo às regiões frondosas;
Ali cheias de riso, ali gostosas,
Eufrosina e Aglaia
Andam brincando na arenosa praia.

2

Vê de um golpe de vista essa ligeira,
Volante esquadra de gentis Amores,
Que armados de mil dardos passadores,
Uns com outros se apostam na carreira. !
Banhada em fresco sangue a mão guerreira
Do vencedor Cupido,
Cuido que alto despojo há conseguido.

3

E quai Mancebo, ó Céus, atado e preso
Chegar eu vejo com cadeias de ouro?
Cinge-lhe a branca testa um verde loiro,

Brilha no rosto belo um raio aceso!
Os teus feros arpões, Amor, desprezo
(Ouço que diz), e à custa
Do próprio estrago teu, nada me assusta.

4

Tu não és que me vences, eu não cedo
Do vil Cupido ao venenoso dardo;
De atar-te ao carro meu talvez não tardo,
Se é que a fugir não te aconselha o medo.
Onde vai ter o misterioso enredo?
Tão cheio de arrogância,
Quem pode assim falar de Amor na estância?

5

Mas ah! que desde o Doiro hinos cantando,
Ao longe avisto as filhas da Memória,
O harmônico grito da vitória
Na épica trombeta vêm soando;
Qual as flechas sutis despedaçando,
Qual rasgando-lhe a aljava,
Vingam do cego Deus a fúria brava!

6

Bate as palmas Amor, pede piedade,
Chora, soluça, e geme: à dor movidas
Já querem perdoar; eis que detidas
Entre a ternura estão, entre a crueldade.
Confessa, Amor, confessa com vaidade
Que não foi tua a empresa:
Que das Deusas, que vês, Rodrigo é presa.

7

Aqui, de oficiosas mil Napéias,
Em doirada carroça conduzida,
Õa Ninfa aparece: alva, e luzida
Chama desce dos Céus, e acende as teias.
Em tripúdios, em bailes e coréias
A chusma se reparte;
A melhor Vênus cede melhor Marte.

8

Conta-me, Amor, que estranha cena é esta?
De qual aqui se trata alta conquista?
Acaso eu piso, acaso tenho à vista
Do mar de Atlante mágica Floresta?
Sim, o segredo teu já manifesta
O Lima, que brilhante
Guarda a carroça em letras de diamante.

9

O Doiro ao Tejo vem render Maria;
Quis sorprendê-la Amor, e da vitória
Menos aos tiros seus se deve a glória,
Que à virtude de úa alma justa, e pia.
A constância, a firmeza é que se fia
Tecer o casto laço;
Cede-lhe o Nume o desarmado braço.

10

Eis aqui espalhados sobre a terra
Os seus ferros arpões em sangue tintos;
Estas as armas, e os farpões distintos,
Com que aos humildes corações fez guerra.
Que alto mistério esta ruína encerra!
Ainda destroçado,
Vejo encher-se de glória o Deus vendado.

11

Despojos vãos, que um dia vos jactastes
De enlaçar o deus Marte em vossas redes,
Pendientes ficareis destas paredes,
Que de triunfos mil já coroastes:
Se os bravos ursos, se os leões domastes,
Ah! veja-se algũa hora
Que é só Maria a vossa vencedora.

12

Maria vence Amor, que não devera
Nas Reais Núpcias influir profano
O Deus da falsidade, o Deus do engano,
Dos cuidados mortais triste quimera.
Santo Himeneu, de ti é que se espera
O fecundado leito,
Templo do Amor, e Trono do respeito.

13

Tu ditoso farás o natalício
Da formosa Heroína; e se a lembrança
De tia tão doce, tão feliz bonança
Pede de nós um grato sacrificio,
Das nossas mesmas vidas desperdício,
Contentes te faremos,
Porque os seus belos dias aumentemos.

CANTO ÉPICO

Recitado em o dia do feliz Aniversário da Ilma. e Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon

OITAVAS

1

Com a trompa na mão, por cujo grito
Soa na foz do Tejo do Indo a história,
Vejo erguer-se o Cantor que o peito invicto
Do Lusitano Herói encheu de glória.
Tendo os olhos em mim, e o rosto fito,
O tu, me diz, que impresso na memória
Guardas o canto magoado e triste,
Que à bela Castro recitar me ouviste;

2

Se do Mondego aos campos nunca enxutos
Das lágrimas que chora a Ninfa bela
Os suspiros mandei, doces tributos
Do amante coração que o susto gela;
Se de tão casto amor os tenros Frutos,
Que o paterno cuidado afaga e zela,
Eu pude expor aos bárbaros algozes,
Entre os soluços, entre o pranto e as vozes;

3

Ah! possa a minha Musa (se é que tanto
Aos Vates se permite) em sábio agoiro,
Dos Lusos Fastos consolando o pranto,
Dar-te tia idéia do cortado loiro:
Se outro dos Reinos, onde habita o espanto,
Trouxe aos seus Júlios o diadema de oiro,
Eu que ao de Mântua ocupo igual assento,

Igual fortuna nos meus versos tento.

4

Verás, ó Pedro, da roubada Esposa
Um ramo rebentar, que ao Trono extinto
Ilustre, excelsa sucessão gloriosa
Na longa idade renderá distinto:
Este João será, de quem na honrosa
Série de Heróis, que já me finjo, e pinto,
Mil vagarosos suspirados Netos
Virão nascendo para os Régios Tetos.

5

Tu lhe tens dado a mão, formosa Teles,
Clara irmã da suavíssima Rainha,
A quem de Colcos as doiradas peles
O claro Tejo tributar convinha.
Os dois Infantes, restaurando aqueles
Reais brasões, à amada Pátria minha
Farão chegar (ah! mente o meu desejo!),
Farão chegar a casa d'Essa ao Tejo.

6

Eu a verei nascer em ti, Fernando,
Do Grande Pedro afortunado Neto,
De ti a prole augusta vem pulando,
Que do meu vaticínio enche o projeto:
Qual o braço, nas armas ensaiando,
Honra de Marte o Templo, qual objeto
É de Minerva, as ambições mais raras
Para as Mitras, Capelas, e Tiaras.

7

Desces a nós, ó Púrpura Romana,
De um dos Almeidas a cingir o peito,
Almeidas, de que a Estirpe Soberana
Vincula de Bourbon o laço estreito;
Mas qual outro da praia lusitana
Solta as velas, e parte a ver sujeito
Das áureas Minas o Hemisfério, aonde
Novas conauistas o destino esconde?

8

Abertas as entranhas, roto o fundo
Do grosso rio, da escabrosa serra,
De oiro, e diamantes o País fecundo
Já mostra aos homens o valor que encerra;
Tu Lourenço serás: ao longe o mundo
Teu nome há de escutar, polindo a Terra,
E preparando os Loiros de que um dia
Ornes a testa da feliz Maria.

9

Ah! que o nome suave me arrebatá,
E me surprende no futuro auspício
A bela imagem, que em seus dons retrata,
Dos Pais ilustres o esplendor propício!
Oh! nunca foras a meu voto ingrata,
Vindoira idade, e em rápido exercício
A meus olhos o dia enfim trouxeras,
Em que nascida a bela Prole esperas!

10

Eu vira as Graças e os Amores dando
As tenras mãos; por entre o pranto, e o riso
Vira em meio das flores ir voando
A linda esquadra ao deleitoso aviso;

Junto ao seu berço os hinos entoando
(Qual sobre as margens do saudoso Anfriso)
Vira as Tágides belas, que mimosas
Grinaldas tecem de jasmins e rosas.

11

Alimentada aos peitos da inocência
Eu vira crescer, tocando a idade
Em que a sazão dos frutos da prudência
Provara da grande alma a heroicidade:
Que dotes de ternura, e de clemência,
Que discrição, que graças, que igualdade
De ações e de costumes! ah! não mente
O rosto, que na idéia está presente!

12

Abre-me, ó Fama, o teu Palácio augusto,
Onde cercada de Lauréis habitas,
Deixa-me ler ao pé de cada busto
As heroínas que ali tens escritas;
Se o teu louvor, se o teu obséquio é justo
Saber pertendo: as regiões benditas
Me dão já livre o passo; eu entro e piso
Do régio pavimento o jaspe liso.

13

E qual aos olhos meus se patenteia
Bela estância do pasmo! Entre as felices
Habitadoras de úa e outra areia,
Vejo as Zenóbias, vejo as Cleonices
O Tibre aqui das Pórcias se glorieia,
Ali de África vêm as Berenices
Fazer de Tito mais feliz a história!
Ah! que Maria lhes disputa a glória!

14

Amor, tu que da Idália te remontas
A respirar do Tejo os frescos ares,
Prepara o arco, e as doiradas pontas,
Que honra melhor despojo os teus altares:
Se digno só da bela Ninfa contas
O Mancebo gentil, que as tutelares
Deidades guardam no Solar de Angeja,
Rodrigo de Maria o Esposo seja.

15

Une Rodrigo com feliz aliança
Ao solar de Noronha a casa d'Essa,
Aqui de Castro a pálida esperança
De nova luz a respirar começa.
De um Henriques no sangue se afiança
O grande conde de Guijon; já cessa
De consultar os Fados meu empenho,
Se de Pedro outra vez ao Tronco venho.

16

Eis de Fernando, Príncipe ditoso,
Que da Ibéria o Leão calcar quisera,
Vem derivando o sangue e o brio honroso
Isabel, que de Pedro o ser trouxera:
Vós me fugis! O vôo duvidoso
Quase que de alcançar-vos desespera;
Mas, ó destino, junto a vós estamos,
Eu vos torno a encontrar, felices Ramos!

17

Assim da mesma fonte nascer vejo

Desde a famosa Arcádia os doces rios
De Aretusa, e de Alfeu; terno desejo
Vai unir na Trinácia os seus desvios:
Belo País d'Elide, eu não te invejo
Os milagres de Amor; além dos frios,
Distantes serros, que enche a Espanha, e guarda,
De Pedro a Estirpe a se enlaçar não tarda.

18

As sombras noto, que vagando pisam
Do Elísio os campos, repetir mil vezes
Os Reais Troncos, onde se eternizam
Os brasões dos Noronhas e Menezes:
Nos escudos as Águias se divisam,
De que ornados os Timbres Portugueses,
Girando vão pelas Regiões Estranhas
De ambas as Índias, de ambas as Espanhas.

19

No horóscopo feliz do nascimento
Da bela Heroína, que há de honrar o mundo,
Inda eu oiço a Proteu, que em rouco assento,
Assim falava desde o mar profundo:
Vem dar a Portugal mais nobre aumento,
Sorte mais bela ao tálamo fecundo,
O digna Filha, ó rama ilustre e rara
Do sangue que o Mondego em vão regara.

20

Eu pronostico ao Pátrio Tejo a glória
De ver nesta alta prole inda algum dia
Sustentada do Pai toda a memória,
Bem lograda da Mãe toda a alegria;
Passar de tia vitória a outra vitória

Ver-se-á por ela a lusa Monarquia;
Ver-se-á... porém que digo, mas que emprendo,
Se quanto se há de ver já se está vendo?

21

Já vejo os troncos que o licor doirado
Das abelhas destilam; já de leite
Vejo os rios correr, esmalta o prado
Da verde Primavera o vário enfeite:
Não mais o mundo de Saturno estado
Por fábula dos séculos aceite,
Que hoje desce a pisar a nossa areia
A desejada, fugitiva Astréia.

22

Anos ditosos da gentil Maria,
Que encheis na terra as esperanças nossas,
Correi sem susto, o Céu é quem vos guia,
Teçam as murtas as coroas vossas.
Assim o Vate, eu o escutava e via,
E qual raio que apaga as nuvens grossas,
A sombra desfazendo, que o cercava,
Da fria pedra ao túmulo baixava.

CANTATA EPITALÂMICA

Em frente ao escudo, que pendente estava,
Mavorte fero eu vi que o peito armava
Da triplicada malha; o arnês luzido
Vi que tinha vestido;
Vi que sobre a cabeça,

Com fatigada pressa,
Airoso punha o capacete d'aço,
Que enlaçava no braço
As férreas mangas: de ira aceso o rosto
Ia a tomar a lança... a um lado posto
Viu estar a Cupido,
Que em pedaços a tinha dividido,
E que, zombando da paterna fúria,
Vinga, ó Padre, lhe diz, a tua injúria.

Colérico se arroja o Deus da Guerra,
Vai ferir o filho; eis que o aterra
Prodígio inda mais novo! No brilhante,
No transparente escudo, tem diante
Formosa esquadra de gentis Amores;
Coroados de murtas e de flores,
Hinos cantando vêm com voz serena.
É o vendado Irmão, que o coro ordena.

CORO DOS AMORES

1

Não já de Marte as iras
Tímido Amor receia;
Que tinge a nossa areia
De Marte o sangue já.

2

Quebrada a forte lança,
Já se ouve o seu suspiro,
Amor prepara o tiro,
Amor o empregará.

3

De sangue, e pó coberto,
Nem sempre o braço armado
Temido e respeitado
Do Deus de Amor será.

4

Alguma vez das setas
Será despojo triste,
Que a força não resiste
Aonde Amor está.

5

Se o nosso espanto e susto
Mil glórias lhe concede,
Vulcano deixa a rede
Que Amor lhe tecerá.

6

Gemendo, os roxos pulsos,
Nas mais sutis cadeias,
Das empoladas veias
O sangue brotará.

7

Desce, Himeneu sagrado,
Socorre a nossa lida,
Que a Mãe já te convida,
Amor te chama já.

8

Sem ti das nossas flechas
O ferro nada pode,
Acode, ó Deus, acode,
Que tudo vencerás.

Sim, da tocha nupcial acesa a chama,
Em socorro de Amor já se derrama
Todo o influxo do Céu; baixa dos ares
O suspirado Nume: os doces lares
De Andrada, ó Deus, de Andrada vais buscando;
Que grande empresa, Amor, estás tentando?
Gentil Mancebo, que de Aquiles fora
Inveja um dia, nestes Paços mora;
Francisco é o seu nome; a natureza
Lhe impôs no sangue a necessária empresa
De igualar seus Maiores
Na militar fadiga, e nos suores,
Que ilustres vivem para glória bela
Da Casa e do Solar de Bobadela!

Nutrido foi à sombra dos Loireiros,
Sobre as palmas nasceu dos seus Primeiros,
Conta por elas os Avós honrados.
Seus dias inda apenas esmaltados
Dos primeiros abris já me prometem
Vencer os feitos, que oiço, e que repetem
Nas elísias moradas
As sombras adoradas
Dos Freires imortais, esses que pisam
Da Fama o Templo, e os nomes eternizam.

Tu és ditoso, Andrada,
Tu és a presa de que o Amor se agrada,
Para ti é que corre,
E o Céu, o mesmo Céu é que o socorre;
Não de balde se viu partida a lança

Do Deus Gradivo: mais a glória avança
Nas campanhas de Amor quem mais se rende,
E quem de Elisa triunfar pretende!
Vê qual nos olhos seus se manifesta
Divino encanto! A tua Esposa é esta.

Não te pinto de Tétis a formosa,
Purpúrea face, não te lembro a Esposa
Do grande Jove: as graças, a beleza
Que Chipre, e que Amatunta adora, e preza
Da branca Deusa, que nasceu das ondas,
É bem, ó mar, que à minha vista escondas.

Se viste sobre o Ida
Contender as três Deusas, surpreendida
Se viste a idéia do Árbitro do monte,
Põe-lhe Elisa defronte;
Ele decidirá, depondo o Loiro,
Que só se deve a Elisa o pomo de ouro.
Não são estas as graças,
Amor, com que de Andrada o peito enlaças;
À cândida virtude exalta o preço
A formosa Isabel; um digno excesso
Contemplo nos seus dotes: foi nutrida
No seio da modéstia; assim nascida
Entre as prisões da púrpura que zela,
Ao prado se retarda a rosa bela;
Assim nas conchas que o Eritreu sepulta
A pérola que se ama mais se oculta.

Conservando a inocência,
Tratando só co'o pejo e co'a decência,
Sabe que a bela Elisa se dispunha
Para honrar só teus votos; testemunha
Tu mesmo esta verdade: dize atento...
Mas não fales, e adora esse portento.

Já despregando a noite o negro manto,
Vejo correr ao Templo Himeneu santo,
Em torno à bela Ninfa chegar vejo
As Graças três; já rompe o meu desejo
Nos transportes de um grato, ardente auspício;
Por entre o sacrifício,
A fatídica voz ouvir se possa:
Ilustre Par, fazei a glória nossa.

Entretanto, que lá do pátrio monte
O soberbo Itamonte
Cheio de ardor, que o seu terreno inunda,
O tálamo fecunda,
E sobre vós entorna
As brancas flores de que a testa adorna.

Prenda nas almas vossas
De Amor a chama ardente,
Em vós eternamente
Reinar se veja Amor.

Do ferro as flechas quebre,
E com feliz agoiro
Somente as flechas de ouro
Em vós imprima Amor.

ODE

No nascimento de um filho do Ilmo. e Esmo. Sr. D. Rodrigo José de Menezes

Florescentes oiteiros,
A meus paternos lares sobranceiros,

Que nutris dentro em vós de oiro a semente,
Agora lisonjeiros,
Inclinai para mim a verde frente;
Ouvi o canto na região estranha,
Que entoou já do Ródope a montanha.

2

Não só de Orfeu a lira
Aos mudos troncos sentimento inspira,
Abala as penhas, adormece as feras.
O Gênio, que respira
No meu novo País, também das heras
Coroa as Musas, e entretece d'oiro,
Para invejas do Pindo, a murta, e o loiro.

3

Formosas habitantes
Do pátrio Ribeirão, as flutuantes
Madeixas sacudi, deixai o seio.
Os olhos cintilantes
Do vendado Menino, doce enleio,
Brilhem nas margens onde Flora entorna
Os roxos lírios de que a testa adorna.

4

Que esquadra numerosa
De Ninfas se erguer eu vejo na arenosa,
Úmida praia, que já salta e pisa?
A rubicunda rosa,
Que a filha de Titão de oiro matiza,
Por entre orvalhos, que das nuvens manda,
Qual já colhendo pelos prados anda.

5

Oficiosos Amores
Brincando giram; de mil tenras flores
Chegam, tendo nas mãos frescas grinaldas!
Os Faunos saltadores
Finos rubis, safiras, esmeraldas
Cavam nos montes; com semblante airoso
Fazem tributo do metal precioso.

6

De vária cor tecidos
Os juncos, que o meu rio viu nascidos,
Das ramas do coral cópias ostentam!
Em seus votos rendidos,
Aqui às belas Ninfas se apresentam
Mil semideuses da espessura; tudo
É de amante cortejo ansioso estudo.

7

Que berço delicado
É este, que de pérolas ornado
Um belo Infante me faz ver dormindo?
Dos Gênios rodeado
Amor o embala, e os hinos repetindo
Eufrosina, Talia e a branca Aglaia,
A um novo sacrifício a alma se ensaia.

8

Por entre as nuvens soa
Mística voz; o espírito pregoa
Que de luz celestial derrama a graça.
Aceso em fúria voa
O Tirano Infernal, e ao centro passa
Do escuro Abismo onde, em grilhões ligado,

Mil vezes de si mesmo é devorado.

9

Ali o está roendo
A descarnada inveja; ali, gemendo,
Colérico, e feroz rasga as entranhas.
Eu já vos estou vendo,
Celestes dons das imortais campanhas, ;
Baixar fragrantes; sim, o influxo é vosso,
Nem do triunfo duvidar já posso.

10

De um golpe se derrama
Essa de imensa luz purpúrea chama,
E expurgada inocência esta alma habita:
Neste berço, que inflama
Nosso excelso poder, se deposita
Fortaleza, essa virtude eterna,
Que as humanas ações rege e governa.

11

A mansidão, que herança
É do ilustre Solar, ali descansa;
Toma ao Infante a Prudência, e o chega aos peitos;
Que suave aliança
Em nós, que o selo eterno faz estreitos,
Adorar se não deixa neste dia
De virtudes, que o Céu nem sempre fia!

12

Primeiros Pais, que vistes
Tantos filhos gemer nas sombras tristes
Da negra culpa, consolai-vos hoje:

Se com prantos feristes
O Céu, o Céu vos ouve, o crime foge,
E o banho santo, que a pureza enlaça,
Perdida já nos restitui a graça.

13

Ferem os meus ouvidos
Os ecos de um Pastor, que emudecidos,
Que cheios de terror, de susto e espanto
Viu por terra caídos
Os espíritos vãos... Ao sacro manto,
A face augusta, eu nele já contemplo
De Ambrósio a sombra, e de Agostinho o exemplo.

14

Venturosa Mariana,
Tu de Pontével gozarás ufana;
Seus dias de prazeres coroados
O tempo em vão profana;
Vós girareis fogosos, abrasados,
De um Pólo a outro, rápidos Etontes,
E viverá Pontével nestes Montes.

15

Gênios do pátrio Rio,
Eu já vos chamo, eu já vos desafio
A dar mil provas de um prazer sincero.
A empresa de vós fio,
Nem despojar-vos desta glória quero;
Não diga o Tejo que a ventura é sua,
Ou que a sorte feliz a faz comua.

16

Montes, doirai a testa,
Todo o seu riso o Céu vos manifesta,
Brilhe em vós toda a face da alegria.
Orne a grenha funesta
A lúcida, a custosa pedraria,
Para vós é que o Céu tinha guardado
Novo tesoiro nunca em vós achado.

17

Do frio jaspe, aonde
Doce letargo tanto Herói esconde,
Eu os vejo surgir, a testa erguendo.
Fitos os olhos, ponde
Prole de Heróis no augusto Henrique, lendo
Por ele a história dos Maiores vossos;
Honrai-lhe as cinzas, adorai-lhe os ossos.

18

Menezes meus, se elevo
Tão alto o vôo, e em letras de oiro escrevo
De Pedro o nome, e o nome dos Antônios,
Esses que manam dos cristais aônios
Sacros influxos; sobre a lira minha
De Apolo o plectro respirar convinha.

19

Se em roda amontoadas
Vejo as ramas do loiro, se espalhadas
Junto ao berço mil palmas estou vendo,
Não de sombras pesadas,
Eu nutro a fantasia; o Herói crescendo,
Estas- dirá - são as lições que um dia
Sobre os passos de um Pai eu aprendia.

ODE

À Milton

Contigo me entretenho,
Contigo passo a noite, e passo o dia,
E cheia a fantasia
Das imagens, ó Milton, do teu canto,
Contigo desço às Regiões do espanto,
Contigo me remonto à imensa altura,
Que banha de seu rosto a Cinosura.

2

Tamisa, que nos destes
Dentro do seio teu tão alto engenho,
Que o sagrado desenho
Do divino Poema lhe inspirastes,
Como o cofre dos males derramastes
Sobre a sua fortuna? Como ao Fado
O trazes desde o berço abandonado?

3

Não basta além da Pátria,
Peregrino, vagar estranhas terras?
No horror das civis guerras
Ensangüentar o braço às Musas dado?
Da torpe, e vil pobreza inda vexado,
Queres que gema, e conte em baixo preço
De seus estudos o cansado excesso?

4

Sim, é esta a ventura,
Estas as murtas e as grinaldas de ouro
Que ao século vindouro
Hão de levar os que de Aônia bebem:
Fortuna, os teus tesouros só recebem
Bastardos Gentios, que da tenra infância
Afgou nos seus braços a Ignorância.

5

Tu o sabes, ó Tejo,
O teu grande Camões o geme e chora;
Nem mais risonha Aurora
No Apenino esclarece ao nobre Tasso:
De porta em porta vagaroso e lasso,
Mendigando o cantor da grega gente,
O peso infausto da miséria sente.

6

Nega-lhes muito embora,
Deusa inconstante, as vãs riquezas; tudo
Entre o silêncio mudo
Dos tempos jazerá; a ilustre glória,
Que os nomes encomenda à larga
História, Livre de naufragar nesta mudança,
Os guarda, e zela na imortal lembrança.

7

Por ela te contemplo
Calcar, ó Milton, da desgraça o colo;
Desde o gelado Pólo
Teu nome vencedor a nós se estende,
Em nobre fogo o coração acende,
Quando nos abre a feliz estrada

De Epopéia jamais de alguns trilhada.

8

A nunca ouvida língua
Das eternas, celestes criaturas,
As suaves ternuras,
As castas expressões dos Pais primeiros,
De incorpóreas substâncias os guerreiros
Combates no Aquilon! tudo imagino;
Tudo é grande, ó bom Deus, tudo é divino.

9

Voa do Estígio Lago,
Ó Espírito rebelde: um frio gelo
Me deixa apenas vê-lo!
Tenta a Equinocial, vaga os abismos!
Que horror! Entre funestos paroxismos,
Talvez chego a temer que o Monstro possa
Cantar os loiros da tragédia nossa.

10

Ah! não! Oiça-se o brado
Da Épica Trombeta: o rapto admiro,
E já no dúbio giro,
Longe de me aterrar o Dragão fero,
Arrancadas montanhas ver espero
Do Trono de Sião, vingada a injúria;
Confunde-te, ó soberbo, e rende a fúria.

11

Estranhas maravilhas
De algum Gênio mortal jamais tentadas!
Idéias animadas

Na mais nova, mais rara fantasia!
Se Milton pela mão nos leva e guia,
Cesse do bem perdido a fatal ânsia,
Esta é de Éden a milagrosa estância.

12

Musas, vós que educastes
Alma tão grande, e que a gostar lhe destes
As doçuras celestes
Do néctar e da ambrósia, um novo loiro
Vinde tecer-lhe; e junto ao busto de oiro
Mandai gravar este Epitáfio breve:
Milton morreu: seja-lhe a terra leve.

ODE

Leo fortissimus...
Ad nullius pavebit occursum.
Prov., cap. 30, v. 30

Descobrimo-se a traição maquinada por João Batista Pelle, natural de Gênova, contra a vida do Ilmo. e Esmo. Sr. Marquês de Pombal.

Monstro do Abismo, detestável Fúria,
Horror da fé, da humanidade injúria,
Tu conspiraste contra aquela vida,
Que dos Céus protegida,
Aos portugueses Povos assegura
A paz e a doçura,
Férteis tesoiros que a Fortuna encerra.
Aborto foste da Estrangeira Terra:

Que o berço lusitano
Não produz a traição, o insulto, o engano.

2

Bárbaro, e que empredeste? Õa obra rara,
Que o Céu em tantos anos preparara,
No estrago sufocar de um só momento?
Do infame atrevimento
Vê como o Céu justa vingança toma!
Como o orgulho se doma!
Banhada no seu sangue a torpe idéia,
É já cadáver a maldade feia;
Soçobrada a memória,
No epitáfio das cinzas lê a História.

3

Erguer eu vejo a eriçada testa
O religioso Tejo; ele protesta
Que este horror, este insulto, este atentado
Não foi ali gerado.
Teme-se a peste, o seu terreno,
No contágio, ou veneno,
Que ímpio Gênio derrama: a sepultura
Lhe não abra entre nós a terra dura.
Debalde o corpo clame:
Longe, longe de nós a sombra infame!

4

Espíritos vagantes do ar corrupto,
Recebei, recebei este tributo
Que o sacrílego Pelle hoje vos rende:
Ele é tão vil, que ofende
Vossa mesma impureza; se algum dia
A horrenda companhia

Se lhe ajunta dos vossos Ravalhaques,
Dos vossos Dimiães, dos vossos Jaques,
Dizei-lhes quanto avança
Gênova infausta ao que atentara França.

5

De palmas, e de loiros, vinde agora
Cercar o Trono, que enche, e condecora
O Ministro Real: as vossas vezes,
Ilustres Portugueses,
Basta um Noronha a sustentar, levando
Os seus votos e dando
Ao Santuário repetidas graças:
Ele nos mostra as fatais desgraças
Que o Luso Reino evita,
Prova de Henrique a proteção bendita.

6

Mostra-nos que a bastarda, ímpia doutrina,
Que arma a súdita mão contra a divina
Face do Rei, só é do orgulho feio
Aprovada no seio:
Se na ação o rebelde se confunde,
Se o terror se lhe infunde,
Não é que a força, ou a prudência humana
Seus impulsos contesta e desengana;
Sobre o cetro, e a coroa
Vela só Deus: é Deus quem o pregoa

7

Salva temos a vida, em quem descansa
De todo o Reino a paz e a segurança,
A justiça, a razão e o bem de todos:
Por mil suaves modos

A mão fecunda repartida vede.
Ele a nós nos concede
Desde na longa, desigual distância
Os frutos da mais próspera abundância.
Antônio o assegura,
Antônio, que a Carvalho se afigura.

8

Por este Efestião do Rei mais digno
Dádiva, ou prêmio já do Céu benigno,
Alegres sempre a respirar vivemos;
Nele a virtude temos
Dos egrégios Avós desempenhada;
Daqueles cuja espada,
Nos distritos do Ocaso e do Oriente,
Tanto esplendor, tanto troféu pendente
Consagrará a Memória,
Para os fastos honrar da Lusa História.

FALA

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha, Governador e Capitão General das Minas Gerais, recolhendo-se da conquista do Caeté, que com ardente zelo promoveu, adiantou e completou finalmente no seu felicíssimo Governo.

Voltar de loiros coroada a testa,
Entre os tambores, pífanos e flautas,
Manietados ao carro do triunfo
Mil e mil Esquadrões, que em campo aberto
Foram despojos da mavórcia lança,
Eu vejo aos Cipiões, vejo aos Emílios,
Aos Césares eu vejo: mas fumando

Ainda o campo está do sangue, aonde
A cólera do braço se assinala;
Alvejam inda os ossos insepultos
Dos frios Maneslla que do Lete às margens
Vagam pedindo o túmulo e a vingança:
Não é vitória, não, a que se compra
Ao preço vil do derramado sangue;
Sim, a melhor vitória é a que vive
Nos arcos igualmente, e nos sepulcros.
Esta arte rara de vencer sem armas,
Tu a sabes, ó ínclito Noronha,
E tu só a praticas. Nós te vemos
Atar de glória e de triunfos cheio,
Entre as aclamações de um Povo amante.
Transportados de júbilos se arrastam,
Como em tropel, os súditos a ver-te:
Velhos, meninos se embaraçam; soa,
De vozes mil, ãa só voz, que leva
Aos Céus as bênçãos, e ao Deus grande os votos:
Voltas, enfim, e voltas triunfante.

Mas que triunfo é este, que atraído
Tem a nossa atenção? Eu o expusera, ;
Se, prevenindo sábio o meu empenho,
Este Bárbaro mesmo, que arrancavas
Do seio escuro das horríveis grutas, ;
Se não antecipara ao nobre officio.

Ele, os nervosos braços sacudindo,
Batendo o pé, e tremular fazendo
Com airoso maneio as encarnadas
E verdes penas, de que a testa e o cinto
Cercou vaidoso, assim me ocupa e fala:

Não calcado até aqui de humana planta,
O pátrio Caeté do Luso Trono
Já respeita o esplendor, as leis adora.

Os ásperos sertões, que as mesmas feras
Talvez temeram povoar, já rompe
Sem susto algum o português Vassalo:
Unem-se os rios caudalosos, e abre
Industriosa mão passagem franca
Por altas pontes de encorpados lenhos.
Não de outra sorte viu a Rússia um dia
Transportarem-se as túmidas torrentes
Já do Tanais, do Ina ou já do Volga
Ao Canal que abre a mão do grande Pedro;
Não de outra sorte o Xerxes e o Tebano
Viram tornar-se em arenosas praias,
Um o Mediterrâneo, outro o Helesponto.
Desde as entranhas a escondida serra
Deixa ver seus tesoiros anelante
Ambição já não busca mais reparos
À indigente penúria; o oiro, a prata
Talvez percam seu preço na abundância.
Feliz Monarca, e mais feliz mil vezes
Eu e os meus, que habitando as toscas grutas,
Vivendo só do acaso e da miséria,
Endurecendo a pele à calma, ao frio,
Sem mais abrigo que o estéril junco,
Vagos e errantes de um em outro serro,
Já conhecemos a civil polícia
Do teto e do vestido; unidos todos
Em doce paz, os frutos já provamos
Da concórdia, e do amor; ajuda um braço
O braço de outro; as sementeiras crescem,
E o trabalho comum é comum prêmio...
Ah! que de feras nos tornamos homens.

Assim fala obsequioso o Índio (um novo
Raio da Luz o ilumina). Salta
Dos olhos aos que o vêem um terno pranto,
Núncio do gosto e do prazer, que passa
Aos corações tocados; a alegria

Por tudo se derrama, e gritam todos:
Viva Noronha, o bom Menezes viva!

Santa Religião, tu que nos trazes
Ao grêmio teu estas incultas almas,
Que despedaças os grilhões em que antes
Gemeram presos por desgraça, ou pena,
Seus cansados Avós, ao Santuário
Leva esta vez a vitória piedosa
Que zelo de um Noronha te consagra.

Ele é quem desprezando os ameaços
De um bárbaro País, áspero e fero,
Por entre os tigres e o Gentio armado
Levou o nome e as Quinas Lusitanas
Até o termo, onde Netuno assina
Co'os ossos de um Encélado as barreiras
Da limítrofa Capital das Minas.
Se as montanhas rasgando do Apenino,
Não tentadas jamais de humano esforço,
Pode o herói de Cartago ao fogo e ferro
Dever a glória de ãa honrosa Fama,
Quanto mais digno de perpétuo loiro
Tu não serás, ó ramo florescente
Dos ilustres Menezes, tu que contas
Os Avós pelas palmas, por quem inda
Elvas e Montes Claros testemunham
Tantas antigas, imortais vitórias.

Lalipe o diga, e o Marechal insigne
Que ensangüentou do Guadiana as águas,
Se Grécia ou Roma nos seus Fastos contam
Heróis mais dignos do que Antônio e Pedro,
Do que o grande Rodrigo! Tu lhe debes
Menos o sangue que a virtude herdada.

Deram estes varões sempre gloriosos

Nas empresas, ações, valor, facúndia,
Espanto, lustre, crédito e defesa
Ao Rei, ao Reino, à Pátria, ao mundo inteiro.

Mas quanto aos teus maiores te vantagens,
Tu, de cujos Exércitos na frente
Não marcha o susto e o terror, em cujas
Reais bandeiras de adorar não cesse
A paz por armas, por empresa a vida.

Estas são as Estátuas que a teu nome
As altas serras erguerão das Minas;
Melhor do que nos mármore de Paros,
Ou nos polidos bronzes de Corinto,
Vivirás nas memórias da Saudade.

A GRANDEZA DE MARIA

Cresce a par da sua idade;
A geral felicidade
Faz época neste dia.

GLOSA

1

Soltas as madeixas de ouro,
Ergam-se do fundo seio
Essas Ninfas, que no meio
Habitam do claro Doiro.
Venham ver de que tesouro
Propício o Céu nos envia

O riso, o gosto, a alegria,
E admirem neste prazer,
Qual entre nós chega a ser
A grandeza de Maria.

2

São seus dias, são seus anos
Uma imagem bela e pura
Dessa idade, que procura
Apartar-se dos humanos.
Ela fugiu, e os enganosa
Duraram só da maldade,
Fugiu, sim, mas é verdade
Que já com feliz agoiro
Entre nós a idade de ouro
Cresce a par da sua idade.

3

Cheia a mortal esperança
Das bênçãos que o Céu entorna
Nos dons, que ela se adorna,
Ditosa mente descansa.
Da sua posse afiança
Tudo o que é prosperidade,
Já não teme adversidade,
Já não lhe assusta a desgraça,
Ela em seus anos enlaça
A geral felicidade.

4

Vivei, ilustre Senhora,
E honrando os Maiores vossos,
Dai aos carcomidos ossos
Vigor novo nesta aurora.

O Ser, que vos condecora,
Vós lhes deveis; mas porfia
Tanto a vossa fidalguia
Em tornar própria esta glória,
Que por vós é que a memória
Faz época neste dia!

O MESMO

GLOSA

1

Não de Maria a nobreza,
O ilustre sangue ou berço
Não é que faz que o Universo
Adore a sua grandeza:
Aos dotes da natureza
Soube unir por mais valia
Õa alma tão justa e pia,
Õa índole tão bela,
Que o mundo julga por ela
A grandeza de Maria.

2

Repetidos os seus anos,
Como vinculados trazem
Todos esses dons que fazem
A delícia dos humanos:
Temer da inconstância os danos
Já nada nos persuade,
Que se ãa imortalidade

Ela em seus anos segura,
Também a nossa ventura
Cresce a par da sua idade.

3

Perdido o dia, chorava
Tito, se a mão benfeitora
Pôde lembrar-se algũa hora
Que ao benefício faltava.
Delícias Roma o chamava,
E tal o respeita a idade,
Mas com maior igualdade
Do que em Tito admira Roma,
Maria a seu cargo toma
A geral felicidade.

4

Justamente agradecidos,
Nos tributar lhe devemos
De gosto os finos extremos,
Do obséquo os dons mais subidos.
Verdes sempre e esclarecidos,
Conte os seus anos, Maria,
É o Céu quem de nós fia
Este bem, esta vitória,
Igualmente a nossa glória
Faz época neste dia.

SONETOS

Invoca as Ninfas do Tejo para festejarem o felicíssimo dia

I

Ninfas do Tejo, eu sei que neste dia,
A brando influxo da benigna Aurora,
Nasceu ao mundo a Deusa que se adora,
Mimo do Céu, entre as que o Luso cria.

Eu sei que então de gosto a Monarquia
Tocou o extremo, que repete agora,
Eu sei... mas se entre vós, á Ninfa, mora,
Dizei qual foi, qual é vossa alegria.

Escondido mistério persuade
Deste dia o louvor; ao pensamento
Lhe tolhe de expressá-lo a liberdade.

Basta dizer que no feliz momento
Que viu o mundo esta imortal Deidade
Nasceu ao Reino o lustre, a graça, e aumento.

Às Ninfas do Tejo

II

Belas Deidades, que habitais no fundo
Dessas do Tejo líquidas moradas,
Saí, e sobre as ondas levantadas
Cantai as glórias que hoje lembra o mundo.

Eu as vejo, eu as oiço; do profundo
Seio dos Fados, onde estão guardadas,

Elas se dão a conhecer, logradas
De ãa Aurora no parto mais fecundo.

Em Lísia elas se admiram; neste dia,
Por influxo dos Céus, ó Ninfas belas,
Nasceu este esplendor da Monarquia.

Vós que a vedes luzir mais que as Estrelas,
De quantas flores vossa margem cria,
Grinaldas lhe tecei, formai capelas.

III

As moles asas a bater começa
Entre as palhas o tenro passarinho,
E largos dias por deixar o ninho,
Se cansa, se fadiga, se arremessa.

Um impulso, outro impulso, em vão se apressa,
Já se firma no pé, já no biquinho,
Nas folhas se detém, passa ao raminho,
Té que a pena se esforce, e se endureça.

Quando enfim é capaz de movimento,
Deixa os arbustos, vaga pelos ares,
E sobre as altas faias toma assento.

Estes sejam, Salício, os exemplares
Em que a vossa virtude anime o alento,
Porque um dia da Fama honre os altares.

Ao Assunto Heróico

IV

Da horrenda Gruta, que o Penhasco cerra,
Eolo solta os agitados ventos,
Fervendo o mar com ímpetos violentos,
Aos úmidos Tritões intima a guerra;

Lá desde as margens, onde o dente ferra,
A Nau se entrega aos bravos Elementos,
Ouvem-se ao longe as mágoas e os lamentos
Da saudosa, e já deixada terra.

Calca Maria os encrespados mares,
Despreza a face do mortal perigo,
Não se enternece aos ais dos próprios Lares.

Todo o tesouro seu leva consigo;
Só lhe pode dar susto, ânsias, pesares
Perder a doce vista de Rodrigo.

V

Ao Templo entrei da Glória: a majestade
Dos quadros registei; vi mil Heroínas
Que entre Gregas, Romanas e Latinas
Fazem todo o esplendor da longa idade.

Era Cléia a primeira: com piedade
Nutria o Pai no seio das ruínas;
Lucrecia estava ali, que as Leis divinas
Vingara da sacrílega maldade;

Semíramis soltava a trança de oiro,
E semiviva sobre o Arasse via

Zenóbia, que de Armênio cede ao loiro.

Sobre todas mais alto um Trono havia,
Junto ao qual pareceu dizer-me o Doiro:
Este lugar é só para Maria.

VI

Festivos Gênios, que cuidado altera
Do sono vosso as lisonjeiras horas?
Liras, e flautas nunca tão sonoras,
Que Nume celestial hoje tempera?

Vagam colhendo os dons da Primavera
De Graças mil esquadras brilhadoras,
Tenros amores que tu, Chipre, adoras,
Da branca Juno vão buscando a Esfera.

Mimoso orvalho vivifica a planta,
Zéfiros brandos dentre nuvens de oiro
Fazem soar doce rumor, que encanta:

Núncios fiéis de tão propício agoiro,
Dizei, que é isto? Mas Amor já canta:
Nasceu ao Minho seu maior tesoiro.

VII

Este é o rio, aonde do passado
Perde a lembrança quem as ondas corta;
Um curvo, e branco velho aqui transporta
As almas que erram desse esquerdo lado.

Vagantes sombras, que feliz estado
Não é este que espera a gente mortal!
A aflita dor, que um coração suporta,
Aqui termina, e acaba o seu cuidado.

Tal foste, ó Lima, eu te passei; do antigo,
Sonolento rio a doce história
É verdadeira, eu mesma o afirmo, e digo:

Guarda entre os Lácios do teu nome a glória,
Que alegre, acompanhando ao meu Rodrigo,
De tudo que deixei perco a memória.

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D. Antônio de Noronha

VIII

Ilustre e digno ramo dos Menezes,
Herói, filho de Herói, do Luso glória,
Que de Tito nos trazes à memória
Os belos dias, os doirados meses.

Se a honra, o zelo, a fé dos Portugueses
No teu sangue nos lembra a antiga história,
Justamente a cantar esta vitória
O Reino todo te confia as vezes.

Louva, festeja, aplaude a glória rara
Daquele Herói, que livre já do insulto
Eterno asilo a Pátria se declara.

Desculpa-nos, porém, se a tanto indulto,
No obséquio que o teu zelo hoje prepara,
Com ele te equivoca nosso culto.

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. Marquês de Pombal

IX

Cingida a testa de mimosas flores,
Firme na branca mão a tocha acesa,
Corre a Fidelidade Portuguesa,
A entornar sobre vós castos louvores.

Sabe que, malogrados os furores
Da perfídia, triunfais; que atada e presa
Levais ao carro por troféu da empresa
A ruína dos bárbaros Traidores.

Um busto de oiro, um Templo consagrar-vos
Ela quisera no infeliz receio
De eternamente não poder gozar-vos.

Mas deste obséquio consultando o meio,
Ela vê que só pode levantar-vos
A Efigie na memória, o Altar no seio.

Mesmo Exmo. Sr., reformando a Universidade de Coimbra

X

Sombras ilustres dos varões famosos,
Que a Grécia e Roma destes leis um dia,
Vós que do Elísio na região sombria
Respirais entre os zéfiros mimosos.

Grande Licurgo, ó tu, Solon, que honrosos
Loiros cingis; que egrégia companhia

Fazeis aos Mazarinos; eu queria
Adorar vossos vultos majestosos:

Vós fizestes da vossa Pátria a glória;
Por vós é hoje feliz a humanidade,
Que dignos sois de uma imortal história!

Cesse, cesse, porém, vossa vaidade,
Que basta a escurecer vossa memória
Um Carvalho, que adora a nossa idade.

Ao Mesmo e Exmo. Sr., conservando em paz o Reino

XI

Talar Províncias, arrasar Cidades,
A cinzas reduzir Reinos inteiros,
Foram desses Espíritos guerreiros
As nobres, imortais heroicidades.

Mas se eles são lembrados nas idades
Por grandes, por distintos, por primeiros,
Nas campanhas, nas praças, nos terreiros
Vive ainda o terror das impiedades.

Se Alexandre, Cipião, César, Pompeio
Cingem na Fama o disputado loiro,
O seu orgulho a funestá-los vejo.

Vós da Fortuna com mais fausto agoiro
Vivei, Marquês, pois encontraste o meio
De nos fazer gozar da idade de ouro.

Ao Autor da Conjuração, João Batista Pelle

XII

Suspende a mão, vil monstro, considera
A qual te empenhas bárbaro delito,
Ouve os clamores, com que o Reino aflito
Menos mover-te que aterrar-te espera.

Ele te diz que eternizar quisera
A vida desse Herói, penso, medito:
Nem digno de louvor mais esquisito
A sua Fama consagrar pudera.

Eu vejo as penas que a justiça enlaça
Em teu castigo; eu vejo o estrago justo
A que te leva a culpa, ou a desgraça:

Mas confunda-te, ó Impio, mais que o susto,
No suplício que o fogo te ameaça,
Das virtudes do Herói o aspecto augusto.

Ao Mesmo

XIII

Tentas o estrago da maior grandeza, ímpio
Traidor, e o mísero artifício
Primeiro te faz ver o precipício,
Que o sacrílego fim da horrenda empresa.

Assusta-se inda a mesma natureza

Ao ver qual te propões vil sacrificio;
Não deves de saber que o Céu propício
Vela sobre os orgulhos da fereza?

Justamente os teus membros separados,
Ao ludíbrio dos ares e do vento
Em frias cinzas se verão mandados.

A terra não lhes deve acolhimento:
Que abortivos infames, detestados,
Só podem ter por urna o esquecimento.

Ao Fanatismo

XIV

De que vos assombrais, Fúrias do Averno,
Que ao Triste Reino horrorizais de espanto,
De veres que um mortal se atreva a tanto
Que em furor se avanta ao mesmo Inferno?

Não, não é menos forte o fogo eterno,
Que cauto dissimula o antigo pranto,
Se de Hipsenta vil o cobre o manto,
Já chega a respirar seu ódio eterno.

Mas qual, ó Deus, qual nova espécie é esta
De serpente, ou Dragão, que desde o
Abismo Ergue o colo, incha o ventre, eriça a testa?

Tremo a dizê-lo; um triste paroxismo
Me embarga a voz. Direi, cena funesta!
A meus olhos ofrece o Fanatismo.

PASTORIL

Pela ação de graças

XV

Algano, que será? Tenho observado
Que há muito tempo este Carvalho antigo
Recolhe à sua sombra, e faz abrigo,
Ou da chuva, ou do sol ao nosso gado.

Há dias que anda agora arregrado,
Como que foge, ou teme algum perigo,
Quem sabe se ameaça o Céu castigo,
Ou se algum mau Pastor lhe deu olhado?

Alto segredo cuida que se esconde,
E muito de sentir, Algano, temos,
Se o agoiro ao sucesso corresponde.

Vem tu, amigo, o tronco rodeemos,
E ao seu pé um altar ergamos, onde
Puros votos Por ele a love demos.

Com a lembrança de ser o denunciante da traição natural destas Minas

XVI

Da urna de ouro, onde feliz descansa,
Ergue a cabeça o majestoso Tejo,

A nós se volta, e para nós eu vejo
Que cheio de ternura os olhos lança:

Venturoso País, em paz descansa
(Ele nos diz), em ti meu trono elejo,
Pois que apesar de tanto horror, e pejo
Um filho teu firmou minha esperança.

Se o topázio, o diamante, a prata, o oiro,
Nobre porção da Lusa Monarquia,
Te esmaltam sobre a testa o fresco loiro,

Tu com mais glória sabes neste dia
Fundar a tua fé, e o teu tesoiro,
E dar aos teus metais maior valia.

XVII

Tenro Menino, eu sei que na grandeza
Te ensaias, e que o berço de oiro orlado
Não é mais que um depósito adorado
De ãa alma, que há de honrar a natureza.

Sei que te nutres já na ilustre empresa
De igualar a teus Pais, e que chegado
A idade, em que hás de erguer da Fama o brado,
Verás a inveja a teus destinos presa.

Mas bem que a bela imagem neste dia
De teus heróicos feitos me proponha,
E os auspícios, que o Céu de mim confia,

Bem que de altas ações a idéia exponha,
No pouco que inda alcança a fantasia,
Cuido que no que diz delira, ou sonha

Ao Mesmo

XVIII

Ruge o bravo Leão, e sacudindo
Sobre o pescoço a descomposta grenha,
Humilde presa conquistar desdenha,
Junto a mais nobre o seu valor medindo.

Águia excelsa por entre o ar subindo,
Descansa o vôo na elevada penha,
E, sem que horror ao precipício tenha,
De sangue as unhas descera tingindo.

Feliz Menino, se dos teus Primeiros
Eu busco a ver a ínclita nobreza,
Da tua eu peso já os graus inteiros.

Não geram com oposta natureza
Nem Águias pombas, nem Leões cordeiros,
Da Fortaleza nasce a Fortaleza.

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística

LITERATURA BRASILEIRA

Textos literários em meio eletrônico

Poesias Manuscritas, de Cláudio Manuel da Costa

Edição de Referência:

A Poesia dos Inconfidentes, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996.